

Voices in Code: estudo de caso acerca da trajetória das mulheres em um curso de Ciência da Computação

Dyelle H. N. Almeida, Allany S. Rodrigues, Ingrid G. C. Lira, Lyziane da S. Nogueira, Sebastião E. A. Filho, Ceres G. B. Moraes

Departamento de Informática, Faculdade de Ciências Exatas e da Terra - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN),
Prof. Antônio Campos, S/N, BR 110, Km 48 - Costa e Silva, Mossoró, RN – CEP:
59.610-090

{dyellehemylle, allanysantos, ingridgabrielly, lyzianenogueira}@alu.uern.br,
{sebastiaoalves, ceresmoraes}@uern.br

Abstract. *This paper presents an analysis of women's trajectories in a Computer Science program. Covering a range of experiences, challenges, and perspectives, it seeks to understand the barriers they face when entering a historically male-dominated field. To collect this information, questionnaires were administered to approximately 44% of female graduates, including questions about their motivation to enroll in the program, academic difficulties, and challenges in the professional landscape. The results indicate that, in addition to the low number of female entrants, they have faced and continue to face issues related to high dropout rates, prejudice, discrimination, and a lack of support policies. These findings highlight the existing gender challenges in computing and the need to foster a more equal and inclusive society.*

Resumo. *Este artigo apresenta uma análise da trajetória das mulheres em um Curso de Ciência da Computação. Abrangendo uma variedade de experiências, desafios e perspectivas, busca-se compreender as barreiras enfrentadas por elas ao integrar uma faculdade historicamente dominada por estudantes do sexo masculino. Para coletar estas informações, foram aplicados questionários com cerca de 44% do total de egressas, contendo perguntas sobre sua motivação para ingressar no Curso, dificuldades no percurso acadêmico e desafios no cenário profissional. Os resultados apontam que, além do baixo número de ingressantes, elas enfrentaram, e ainda enfrentam, problemas relacionados ao alto índice de evasão, preconceito, discriminação e falta de políticas de apoio. Isto mostra os desafios existentes com relação ao gênero na computação e na formação de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.*

1. Introdução

Historicamente, as mulheres têm desempenhado um papel significativo no avanço do campo da computação. Nos últimos anos, houve um movimento crescente para promover a reinserção de mulheres neste campo. Contudo, uma análise mais profunda revela um desequilíbrio persistente na representação de gênero, que desestimula as mulheres a prosseguir ou permanecer nesse campo. De acordo com Carvalho (2019), o número de mulheres ingressantes constitui uma média de cinco a seis mulheres por turma, enquanto o número de concluintes cai para, no máximo, duas. Isto revela uma perspectiva ainda problemática e pouco otimista do futuro desta área.

O estereótipo que associa a habilidade em tecnologia com características tradicionalmente consideradas masculinas favorece a criação de um ambiente de exclusão, onde as mulheres podem se sentir inadequadas ou deslocadas. Além disso, a falta de representação feminina em cargos de liderança ou de destaque na indústria tecnológica

contribui para fomentar um pensamento de que não há espaço para o avanço das mulheres neste campo.

Dessa forma, é importante explorar a realidade de cada local, especialmente no cotidiano universitário, a fim de evitar ambientes tóxicos e sexistas. Este artigo busca entender a trajetória das mulheres do curso de Ciência da Computação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), passando por suas experiências desde o ingresso até a conclusão do curso. Além disso, avalia-se também os fatores que influenciam a permanência delas no mercado de trabalho tecnológico, investigando se as graduadas optaram por seguir carreira na área ou se decidiram mudar de rumo profissional.

Esta pesquisa foi realizada por três discentes que fazem parte do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Ciência da Computação e cujo objetivo foi lançar as bases para criação do CodeBloom, um projeto destinado às mulheres da comunidade acadêmica para enfrentar os desafios relativos à desigualdade de gênero no referido curso [Almeida *et al.* 2024]. As informações foram coletadas através da aplicação de um questionário estruturado contendo questões abertas e fechadas. O questionário foi aplicado mediante um formulário on-line que gerou uma planilha do qual foram extraídas informações quantitativas e qualitativas.

Para descrever mais detalhadamente os procedimentos e resultados obtidos, o restante deste artigo foi estruturado da seguinte forma: na Seção 2, apresenta-se a metodologia, enquanto nas seções 3 e 4 são apresentados os resultados e a conclusão da pesquisa efetuada.

2. Fundamentação Teórica

A educação em Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), área que também abrange a computação, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI. No entanto, a participação de meninas e mulheres nessas áreas ainda enfrenta desafios significativos em termos de acesso, desempenho e avanço [Unesco 2022].

A inglesa Augusta Ada Byron – Lady Lovelace, foi responsável por desenvolver conceitos e estruturação análogos às estruturas utilizadas na programação da informática atual. Por esta razão, seu trabalho foi considerado o primeiro programa de computador da história, ocorrendo cem anos antes do primeiro hardware ser construído [Nanes *et al.* 2016, p. 34]. Ainda que considerada uma pioneira na área, ela foi a primeira de muitas mulheres que enfrentaram ou enfrentam barreiras ao tentar ingressar em uma área predominantemente masculina.

Essa desigualdade se reflete desde a formação acadêmica até o mercado de trabalho. Conforme a Unesco (2022), a cada 30 estudantes presentes em cursos de computação, apenas 6, em média, são mulheres. No mercado, a sub-representação continua: segundo o IBGE (2018), apenas 20% dos profissionais de TI são mulheres. Essa baixa adesão feminina a um setor com amplas oportunidades evidencia a necessidade de ações estruturais para promover a igualdade de gênero [Lopes *et al.* 2023].

Entre os fatores que influenciam essa disparidade estão aspectos individuais, familiares, sociais e acadêmicos, além da influência de pares [Unesco 2018]. Um dos elementos centrais desse problema é a persistência de estereótipos de gênero, que reforçam a percepção de que a computação e outras áreas STEM são predominantemente masculinas.

Essa visão impacta não apenas a escolha profissional das mulheres, mas também sua permanência e progressão na carreira. Como ressaltam Petró *et al.* (2021), muitas mulheres, ao ingressarem no mercado de trabalho por meio de estágios, enfrentam discriminação, incluindo questionamentos sobre suas capacidades e a naturalização de papéis de gênero.

Além dessas barreiras, a desigualdade salarial também contribui para a exclusão feminina na área. A pesquisa de Moro *et al.* (2010), mostrou que a diferença salarial entre homens e mulheres em cargos de liderança pode chegar a 65%, evidenciando que, apesar das mudanças no mercado, a equidade de gênero em termos de remuneração e representatividade ainda é um desafio de longo prazo.

Diante desse cenário, torna-se essencial amplificar as vozes das mulheres na área, reconhecendo seu papel como protagonistas de suas próprias narrativas e agentes de transformação capazes de subverter os preconceitos sociais impostos [Menezes 2024]. O fortalecimento dessas representações não apenas contribui para a quebra de estereótipos, mas também impulsiona mudanças estruturais no mercado de trabalho e no ambiente acadêmico, promovendo maior inclusão e diversidade em STEM.

É importante salientar que embora os dados sejam desanimadores, as mulheres tiveram papel fundamental no desenvolvimento e na perpetuação das ciências no geral. Conforme descrito por Schiebinger (2001), cientistas como Harless, Oelsner, Rebière e Mozans documentaram as contribuições femininas para diversas áreas do conhecimento, ainda que essas conquistas tenham sido frequentemente desvalorizadas ou atribuídas a homens. O reconhecimento dessas trajetórias é essencial para reformular a percepção cultural sobre as mulheres na ciência e incentivar novas gerações a ingressarem e permanecerem nesses campos.

3. Metodologia

Com o propósito de alcançar melhores resultados para as questões de pesquisa estabelecidas, a metodologia adotada se concentra em alinhar os dados analisados para tornar este estudo aplicável para trabalhos do campo. Para isso, optou-se por uma abordagem qualiquantitativa, visando a obtenção de informações relevantes e adequadas sobre a trajetória das mulheres da computação na UERN.

Nesta sessão, os temas abordados foram divididos em subáreas organizadas cronologicamente conforme as etapas da pesquisa, buscando facilitar a compreensão de forma acessível e objetiva. Ela foi organizada em subseções que incluem a descrição da coleta de dados, além da descrição do conteúdo e forma administração de questionários para análise das diferentes experiências.

3.1. Coleta de Dados

Nessa etapa da pesquisa, são descritas a definição da população e da amostra, bem como os métodos utilizados para coleta e análise dos dados.

Foram apurados os dados das estudantes do curso de Ciência da Computação da UERN, no período de 2004 até o fim de 2021, período compreendido entre a primeira turma concluinte e a última turma em que o curso não possuía ações sistemáticas de divulgação e apoio às mulheres. O objetivo é analisar o padrão de entrada e saída das alunas matriculadas no curso, assim como a comparação entre a quantidade de mulheres em relação à de homens.

Durante a apuração, constatou-se que, dos 527 alunos matriculados ao longo dos anos, pouco mais de 16% são mulheres, totalizando 89 alunas. Em contraste, observa-se uma predominância masculina, com 438 alunos do sexo masculino. E, embora notada uma taxa de desligamento proporcional ao cenário, o número de formandos do sexo masculino ainda se mostra superior ao feminino, conforme apresentado na Figura 1.

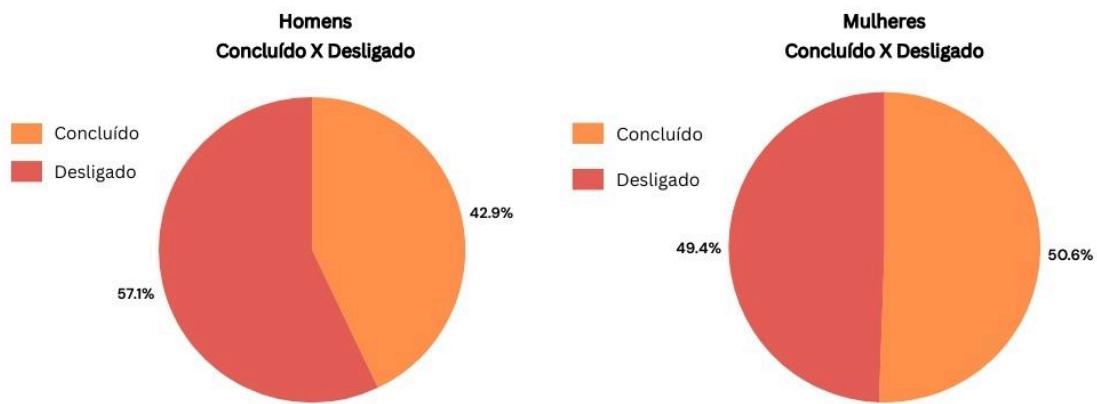


Figura 1. Comparativo entre a quantidade de homens e mulheres que tiveram a graduação concluída e dos que foram desligados.

Entre os 438 alunos do sexo masculino inicialmente matriculados, apenas 188 conseguiram concluir o curso, o que revela uma taxa relativamente alta de evasão no curso.

Já os valores referentes à quantidade de concluintes, o número de mulheres é maior que a dos homens. Das 89 mulheres matriculadas, 45 conseguiram ou optaram por continuar e se formar, alcançando uma porcentagem de 50,6%. As outras 44 representam o número de alunas desligadas, o que constitui um número de 49,4%.

Nas que foram desligadas, as motivações registradas foram: 27 foram desligadas por abandono de curso, sete foram desligadas por efetivação de matrícula institucional em outro curso, três foram desligadas por não efetivação de matrícula curricular após matrícula institucional, uma foi por transferência interna (mudança de sede), e por fim, seis foram desligadas por vontade própria.

Em última análise, ao fim da apuração, chegamos ao preocupante resultado de que as mulheres que ingressam no curso não representam sequer um sexto da porcentagem masculina; e que destas, quase metade não chegou a finalizar a graduação. Por esta razão, a próxima Seção deste artigo aborda uma série de relatos de estudantes do curso.

3.2. Aplicação do Formulário

Nesta etapa, são analisados os relatos coletados das alunas que passaram pelo curso, focando em verificar um pouco da trajetória daquelas que conseguiram concluir a graduação. Para isso, foi aplicado um formulário, que consistia nas seguintes questões apresentadas na Tabela 1. As perguntas numeradas eram obrigatórias enquanto aquelas sinalizadas com o '*' eram condicionadas à resposta da questão anterior.

Tabela 1. Questões do formulário com relatos das alunas concluintes do curso

	Questões
Questão Fechada (com alternativas)	1. O que a motivou a escolher a área de computação como campo de estudo?
Questão Aberta	2. Quais eram suas expectativas ao entrar na Universidade em relação ao curso de computação?
Questão Fechada (com alternativas)	3. Como você descreveria sua experiência acadêmica na área de computação na Universidade?
Questão Fechada (com alternativas)	4. Você teve alguma dificuldade específica durante seus estudos?
Questão Aberta	*Se respondeu sim à questão anterior, poderia compartilhar mais detalhes?
Questão Fechada (com alternativas)	5. Atualmente, você atua na área da computação?
Questão Aberta	*Se respondeu não à questão anterior, poderia compartilhar o motivo por trás dessa decisão?
Questão Fechada (com alternativas)	6. Como você percebe o ambiente de aprendizado para as mulheres na área de computação na Universidade?
Questão Fechada (com alternativas)	7. Você sente que há apoio suficiente para as mulheres no curso?
Questão Fechada (com alternativas)	8. Você participou de alguma iniciativa ou programa de apoio específico para mulheres da computação na Universidade?
Questão Aberta	*Em caso afirmativo, como isso impactou sua experiência acadêmica?
Questão Fechada (com alternativas)	9. Você enfrentou ou testemunhou alguma forma de discriminação de gênero durante seus estudos?
Questão Aberta	*Se respondeu sim à questão anterior, poderia compartilhar mais detalhes?
Questão Aberta	10. Em sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres na ciência da computação ao entrar no mercado de trabalho?
Questão Fechada (com alternativas)	11. Você acredita que existem diferenças significativas entre homens e mulheres na forma como são tratados ou percebidos no mercado de trabalho da ciência da computação?
Questão Aberta	*Se respondeu sim à questão anterior, quais são essas diferenças?
Questão Aberta	12. Com base em sua experiência, que recomendações você teria para melhorar a participação e o sucesso das mulheres na área de computação na Universidade?
Questão Aberta	13. Quais são as suas expectativas em relação ao futuro da representação feminina na ciência da computação?

Para facilitar a compreensão dos dados analisados, é importante destacar as alternativas disponibilizadas nas questões fechadas, especialmente nas questões 3, 4 e 9. Na Questão 3, que investigava como as participantes descreveriam sua experiência acadêmica na área de computação na Universidade, foram oferecidas as seguintes opções: (A) Muito positiva, (B) Positiva, mas com desafios, (C) Neutra, (D) Negativa e (E) Muito negativa. Já a Questão 4, que abordava se as alunas enfrentaram alguma dificuldade específica durante o curso, continha as alternativas: (A) Sim e (B) Não. Por fim, a Questão 9, que tratava da experiência ou percepção de discriminação de gênero ao longo dos estudos, também apresentou as alternativas (A) Sim e (B) Não.

Para o grupo de coleta foi contatado um grupo de 20 egressas, garantindo-lhes a confidencialidade dos dados fornecidos. Este grupo representa um pouco mais de um terço do total das concluintes, o que limita a abrangência da pesquisa, mas ainda fornece uma base sólida para análise. Alguns exemplos de respostas para o formulário são mostradas a seguir. A Figura 2 mostra que quase metade delas iniciou na área por interesse pessoal em tecnologia, as demais se dividiram entre influência de familiares ou amigos e perspectivas de boas oportunidades de emprego.



Figura 2. Resultado da Questão 1: O que a motivou a escolher a área de computação como campo de estudo?

As respostas referentes à Questão 2, em relação às expectativas ao entrar no curso, indicam que apesar das diferentes razões para iniciar a graduação, todas buscavam por crescimento profissional e pessoal. Grande parte das entrevistadas mencionou a vontade de adquirir habilidades técnicas necessárias para o mercado de trabalho, com foco em áreas como programação, análise de dados e desenvolvimento de sistemas.

As participantes destacaram também o desafio de superar inseguranças iniciais, especialmente em relação à dificuldade das disciplinas ou à falta de familiaridade com o conteúdo do curso. Um ponto em comum foi o sentimento de que o curso ofereceria a chance de desenvolver habilidades que seriam valiosas não apenas para um bom desempenho profissional, mas também para o crescimento pessoal, capazes de criar novas possibilidades de carreira.

Ao responderem a Questão 3, das 20 participantes questionadas, 70% responderam que a experiência acadêmica na universidade foi positiva, mas com alguns obstáculos, e as outras 30% responderam que foi positiva. Isso torna o cenário da Universidade positivo, uma vez que não foi apresentada nenhuma queixa ou neutralidade nas respostas. Sobre a atuação

na área, conforme a pergunta 5, a Figura 3 mostra que 90% delas estão trabalhando com computação, o que mostra que o curso cumpriu seu papel formador.

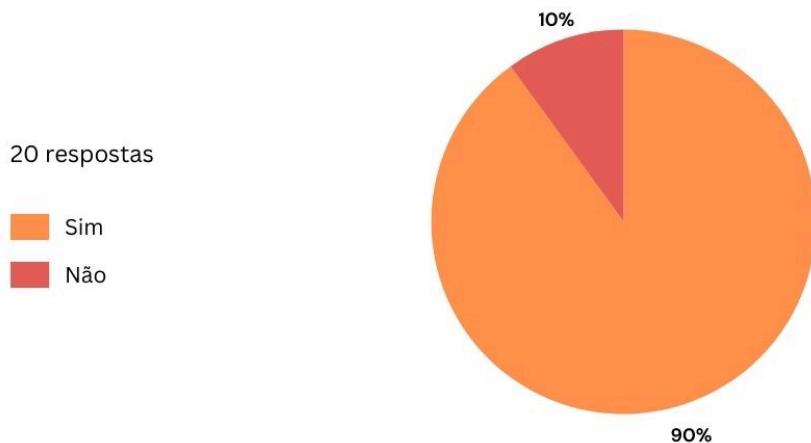


Figura 3. Resultado da Questão 5: Atualmente, você atua na área da computação?

De acordo com a resposta fornecida por uma estudante, cuja identidade não será revelada, para a Questão 5*, a mesma não trabalha na área pois não se sente motivada e nem preparada para atuar no mercado de trabalho. Isto só retrata um problema comum nas estudantes, que se sentem pressionadas e pouco confortáveis em trabalhar em sua área de formação por conta das exigências, da falta de empregos e da realidade pouco inclusivas, como citado por outra estudante no mesmo formulário. É importante também analisar as questões como assédio e discriminação durante o curso, problemas reais enfrentados por mulheres no campo, como mostrado na Figura 4.

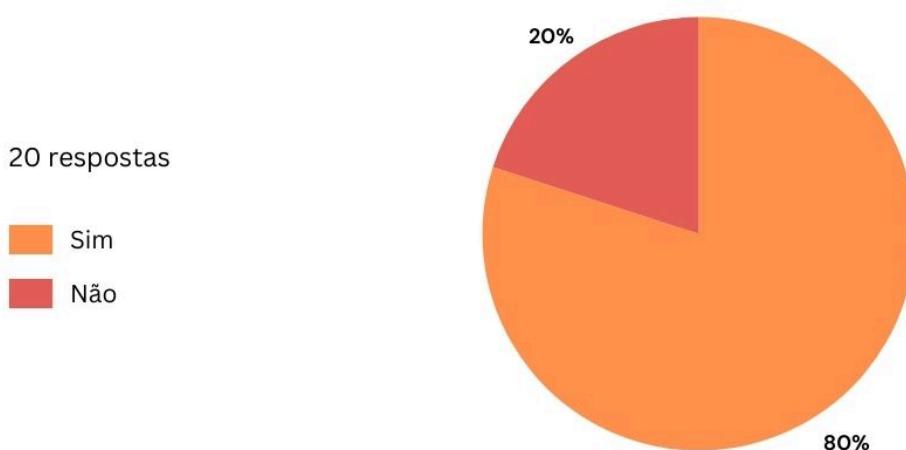


Figura 4. Resultado da questão 9: Você enfrentou ou testemunhou alguma forma de discriminação de gênero durante seus estudos?

Ao responderem à Questão condicionada da 9, as estudantes compartilharam experiências distintas em relação à execução de trabalhos, onde suas habilidades e conhecimentos foram subestimados, em virtude da justificativa de que não eram consideradas capazes de lidar com tarefas mais desafiadoras. Nesta mesma questão, outra estudante relatou uma situação específica gerada por um professor, que afirmava em sala de aula que a computação não era para mulheres e que as mesmas deveriam ter escolhido um curso mais apropriado para elas.

Esses relatos, assim como outros que seguiram, serviram para constatar a triste realidade das mulheres que diariamente tinham que lidar com estigmas e estereótipos durante sua formação. Em última análise, a coleta de respostas comprovou mais relatos negativos em turmas mais antigas, enquanto nas turmas mais recentes, percebe-se um cenário mais integrado; em que se considera que os professores e os demais estudantes estão mais habituados para lidar com a presença feminina, contribuindo para a desestigmatização na área.

Ainda nas respostas do formulário, ao responderem à Questão 10, as mesmas discorreram que as principais dificuldades eram relacionadas à licença maternidade e direitos femininos, mal vistos por outros funcionários, além de claro, disparidade salarial, falta de representatividade em cargos de liderança e questões ocasionadas por preconceitos de gênero.

4. Análise dos Resultados

Tendo em vista todas as informações coletadas e o relato de experiências fornecidas pelas estudantes, são apresentadas as conclusões-chave da pesquisa, incluindo a identificação de tendências e padrões nos resultados, as contribuições para o campo e sugestões para estudos futuros.

Os resultados do formulário aplicado revelam que parte das meninas não seguiram com trabalhos em sua área de formação, em razão da falta de oportunidades e do sentimento de despreparo e de insegurança. Para uma boa parte delas, a expectativa de entrar na área para desenvolver jogos ou trabalhar em uma empresa renomada foi frustrada; conforme os relatos apurados, a falta de incentivo, em somatório com o pouco conhecimento que detinham ao entrar no curso, contribuiu para desistência do exercício da profissão.

Ao responderem à Questão 4, cerca de 75% das participantes mencionaram dificuldades específicas, como acesso limitado a computadores, falta de apoio dos colegas e entraves em disciplinas como cálculo e programação. Na Questão 8, das 20 participantes que responderam à pesquisa, 86,7% relataram não ter vivenciado ou participado de nenhum programa voltado ao incentivo das mulheres no curso; as outras 13,3% discorreram que ao participarem, conseguiram criar um senso de comunidade, onde compartilhavam experiências e incentivos. Apesar da grande discrepância entre os valores, a maioria descreveu sua vivência de forma positiva, ressaltando sua capacidade de superação diante dos desafios.

Quando questionadas sobre percepção do ambiente de aprendizado na Universidade, nas Questões 6 e 7, as respostas foram diversificadas, sendo considerado inclusivo e acolhedor por algumas, enquanto outras apresentaram dificuldades adicionais, principalmente para as mulheres presentes no curso. Embora 60% das participantes sintam que há um suporte adequado para mulheres no curso, 30% acreditam que esse suporte pode ser aprimorado.

Ao analisar a experiência no mercado de trabalho (Questão 11), 80% das participantes relataram uma diferença significativa na forma como as mulheres são tratadas, quando comparado aos homens. De acordo com suas experiências, quando se tratava de cargos de liderança, os homens constantemente possuíam preferência, enquanto as mulheres eram preteridas por questões relacionadas à sobrecarga familiar. Das participantes, 20% relataram ter vivenciado situações de discriminação de gênero durante os seus estudos, ressaltando a necessidade de ações para promover a igualdade de gênero no ambiente acadêmico.

Com perspectivas voltadas para o futuro, nas Questões 12 e 13, as mulheres ligadas à computação na Universidade discorreram que almejam uma maior representatividade e liderança feminina na área, juntamente com incentivos para ampliar a participação das

mulheres e garantir que estas sejam valorizadas e reconhecidas por suas contribuições. Algumas indicações pontuais citadas pela parte das participantes, foi a criação de subgrupos nos projetos já existentes na UERN, como o Projeto de Extensão Oi, Meninas! [Gomes *et al.* 2023], que sejam voltados principalmente em introduzir e motivar alunas de ensino médio com o universo da computação.

A realização de workshops e palestras voltadas não somente às estudantes universitárias, mas também a meninas que estejam no ensino fundamental e médio, é abordada. Sua justificativa é de que, para os membros da pesquisa, o incentivo tardio foi a principal motivação para a evasão no curso, uma vez que mesmo na Universidade, poucas tinham conhecimento e apoio suficiente para conseguir lidar com as adversidades.

5. Conclusão

Conclui-se, ao fim deste artigo, que existem aspectos a serem aprimorados nas estratégias de inclusão feminina no ambiente universitário, além de, claro, melhor preparação dos docentes para tornar o ambiente da sala de aula mais seguro para a presença das mesmas.

No geral, analisando os padrões de entrada e saída das alunas, nota-se que a presença feminina, apesar de sua atual crescente, ainda necessita de maior incentivo e equidade. Os dados indicam que o número de ingressantes permanece inferior ao dos homens, e que uma parte expressiva das estudantes desiste do curso ao longo do percurso. Isso evidencia a importância de implementar ações contínuas e direcionadas para acolher e apoiar essas alunas desde o ensino médio, ampliando o acesso e a permanência na área.

Este artigo cumpriu seu objetivo ao interpretar e documentar a trajetória das mulheres que passaram pelo curso, discutindo suas ambições, conquistas e desafios. Além disso, permitiu a identificação de padrões que podem orientar a criação de práticas de ensino mais inclusivas e estratégias de valorização da presença feminina na área tecnológica. Como trabalho futuro, propõe-se ampliar a pesquisa para alcançar egressas que não foram contempladas nesta fase inicial, com foco em investigar as razões da evasão e os fatores que dificultam o ingresso de meninas no curso após o ensino médio.

Adicionalmente, os dados levantados também fundamentaram o fortalecimento de ações práticas, como a criação do projeto CodeBloom, concebido para enfrentar diretamente os desafios de gênero no curso. A iniciativa busca promover um ambiente acolhedor por meio de palestras, workshops, visitas técnicas e encontros colaborativos. Como continuidade, pretende-se avaliar o impacto dessas ações, verificando sua efetividade na promoção da permanência e da participação feminina na área, contribuindo para a construção de uma comunidade acadêmica mais diversa e inclusiva.

5. Agradecimentos

Os autores agradecem a todas as pessoas e instituições que tornaram possível este trabalho: ao Ministério da Educação pelo financiamento do Programa de Educação Tutorial (PET); à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) pela disponibilização dos dados; e principalmente a todas as egressas do Curso de Ciência da Computação que responderam ao questionário de forma tão gentil, prestativa e atenciosa.

Referências

Almeida, D. H. N., Lira, I. G. C., Rodrigues, A. S., Nogueira, L. S., Montenegro, B. R.,

Izidio, T. E. R., Alves Filho, S. E., “CODEBLOOM: UM MOVIMENTO DE INCLUSÃO FEMININA NA CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO”. In: Anais do Encontro Nacional dos Grupos PET. Recife(PE) UFRPE, 2024.

Carvalho, F. L. A. N.. “Mulheres na informática: estratégias para promover a permanência desse público no curso de Licenciatura em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí campus Teresina Zona Sul”. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Informática), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - Campus Teresina Zona Sul. Teresina, 2019.

Gomes, A. F., Morais, C. G. B., Leite, C. R. M., Araújo, J. N. D. F. L. “OI, MENINAS: UM CHAMADO DE MULHERES PARA MULHERES QUE ATUAM E/OU TEM INTERESSE NAS ÁREAS DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA EM MOSSORÓ/RN E REGIÃO”. Extendere, v. 9, n. 1, 2023.

Lopes, R., Maciel, B., Soares, D., Figueiredo, L., Carvalho, M. (2023). “Análise e reflexões sobre a diferença de gênero na computação: podemos fazer mais?”. In Anais do XVII Women in Information Technology, (pp. 68-79). Porto Alegre: SBC. doi:10.5753/wit.2023.230819

Menezes, N., Mendes, C., Corrêa, J., Rocha, T., Mota, M. (2024). “Além do Gênero: Explorando as Múltiplas Perspectivas de Mulheres na Computação”. In Anais do XVIII Women in Information Technology, (pp. 104-114). Porto Alegre: SBC. doi:10.5753/wit.2024.2425

Moro, M. M.; Weber, T.; Freitas, C. M. D. S. “Women in Brazilian CS research community: The state-of-the-art”. In: CATER-STEEL, A.; CATER, E. (Eds.). Women in Engineering, Science and Technology: Education and Career Challenges. IGI Global, 2010. p. 301–317.

Nanes, Giselle; Leitão, Maria do Rosário de Fátima Andrade; Quadros, Marion Teodósio de (org.). “Gênero, educação e comunicação”. Recife : Editora UFPE : UFRPE, 2016. 355 p., il. (Série Estudos REDOR).

Petró, V., Ferreira, V., Muller, R., Hahn, J., Assmann, L. (2021). “Discriminação de gênero e inserção de meninas na área de TI”. In Anais do XV Women in Information Technology, (pp. 61-70). Porto Alegre: SBC. doi:10.5753/wit.2021.15842

Schiebinger, Londa. “O feminismo mudou a ciência?” Bauru-SP, EDUSC, 2001 [original em inglês: Has feminism changed science? Cambridge, Harvard University Press, 1999]. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7243060/mod_resource/content/1/SCHIEBINGE_R_Londa._O_Feminismo_Mudou_a_C.pdf. Acesso em 17 de fevereiro 2024.

UNESCO. “Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)”. 2018. Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000264691.locale=en>. Acesso em: 10 mar. 2024.

UNESCO. “Mapeamento de iniciativas de estímulo de meninas e jovens à área de STEM no Brasil”. 2022. Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380903.locale=en>. Acesso em: 10 mar. 2024.